

INTRODUÇÃO

O símbolo maior da mudança de enfoque da relação entre fé cristã e mundo moderno é o Concílio Vaticano II, convocado pelo papa João XXIII. Precedido por importantes movimentos de renovação que, num cauteloso crescente, vinham propondo os grandes temas da renovação da Igreja nos mais diversos aspectos, como na exegese bíblica, na vida eclesial, na liturgia, na ação pastoral e na teologia propriamente. De caráter prevalentemente pastoral, o Concílio inaugurou um tempo novo para a Igreja em todo o mundo, cunhando, definitivamente, a necessidade de uma correta reflexão teológico-pastoral em vista de uma Igreja mais dialógica e comunitária.

Pela própria natureza da Igreja, esse evento foi (e ainda é!) ao mesmo tempo uma experiência espiritual, enquanto manifestação do Espírito de Cristo que renova a sua Igreja, e um acontecimento da história, no clima cultural do mundo moderno. Como todo evento histórico, também o Concílio está submetido às suas limitações. Por isso mesmo, para compreender seu dinamismo pleno não é suficiente fixar-se na sua realização como evento histórico. É necessário buscar-lhe um sentido mais amplo no horizonte de sua repercussão, de seus antecedentes, sua eficácia histórica, no conjunto do povo de Deus. Teologicamente, o Concílio e todo seu momento de preparação e recepção fazem parte da mesma ação do Espírito que conduz a Igreja pelo caminho da comunhão.

Um dos obstáculos apontados pelo Concílio foi urgente reflexão pneumatológica sobre a Igreja. Um “novo Pentecostes” configurava o Concílio nessa perspectiva. Teólogos como Yves Congar¹ propuseram uma visão nova de

1 Yves Marie-Joseph Congar (1904-1995), ilustre teólogo do século XX, descobriu sua vocação religiosa num ambiente diocesano de Paris. Aos 21 anos ingressa à Ordem dos Pregadores, tornando-se uma das grandes referências dos Dominicanos contemporâneos. De formação Tomista (influenciado, sobretudo, por J. Maritain e F. Blanche), Congar recebe sua maior influência intelectual de Marie-Domenique Chenu, principalmente no contexto da “historicidade da Teologia”. Ordenado sacerdote em julho de 1930, Congar inicia seu “ministério teológico” em direção de uma Eclesiologia ecumênica. Em Le Saulchoir descobre o gosto pela carreira acadêmica assumindo a cadeira “De Ecclesia”, onde no ano de 1937, impulsionado por espírito de

ver e entender a Igreja que já abriria caminhos a uma consciência de comunhão dentro e fora dos muros eclesiais. Yves Marie-Joseph Congar foi um grande responsável pela abertura da teologia católica para a questão ecumênica. Para ele, a unidade dos cristãos é uma tarefa histórica para as Igrejas. O problema é saber até que ponto a comunhão pode tolerar a diversidade. Sua proposta se baseia em praticar uma *re-recepção dos escritos normativos para a fé de cada Igreja*, para situá-los de novo no conjunto do testemunho da Escritura. Supõe repensar os dogmas, historicizar a própria tradição e relativizar contrastes, evidenciando o núcleo comum das diversas tradições cristãs. Congar pondera que, para isso, é necessário uma longa e cautelosa caminhada.

Posto isto, nesta dissertação refletiremos sobre o paradigma eclesiológico de Congar baseado na comunhão, a saber, a Eclesiologia de Comunhão, que tem como fundamento primordial a origem da Igreja na Trindade. As relações intratrinitárias, queridas por Deus e garantidas pela ação do Espírito, autonomamente preservadas, asseguram a fundamentação teológica para esse paradigma. A Igreja, com sua natureza batismal e como sinal visível de salvação à humanidade, é o lugar da comunhão por excelência.

Pretende-se articular o pensamento de Congar sob o crivo de três relações essenciais, a saber: pneumatologia – eclesiologia – comunhão. Na amplitude dos escritos de Congar, essas relações se fazem fortemente notar, ainda que nem sempre verbalmente explicitadas. Apesar de se co-implicarem reciprocamente,

renovação declaradamente de ardor ecumênico, lança a Coleção de Eclesiologia e ecumenismo “Unam Sanctam”. Essa coleção de livros, inicialmente, deveria abarcar estudos teológicos, históricos e ecumênicos e, pela urgência de uma reflexão teológica mais **apurada** nessa área, acabou por se tornar uma referência na renovação da eclesiologia católica francesa marcada pela Cristandade. Dessa coleção surge a principal obra de nosso teólogo na linha do ecumenismo: “*Les chrétiens desunis*”. Conhecido pela excelência de sua pregação e pelos conteúdos teológicos libertários da mesma, no período da Segunda Guerra Mundial, nosso teólogo é preso e nessa experiência de exílio relê a história recente da Igreja na França e vê nesses acontecimentos o período de maior amadurecimento eclesiológico de sua carreira. Nos anos seguintes, 1947-1956, por conta da publicação de sua obra “*Vraie et fausse réforme dans l’église*”, recebe por parte da Igreja Universal censuras e intervenções e exilado, novamente, é enviado à Terra Santa. Nos anos do Concílio Vaticano II (1961-1964), Congar torna-se uma figura chave nesse processo de mudança da Igreja. Consultor e perito oficial da Comissão teológica, ele redescobre nessa abertura da Igreja um evento providencial de renovação da eclesiologia. No ano de 1995 nosso teólogo “é chamado a contemplar a face de Deus” deixando um legado inestimável ao saber teológico.

nesta dissertação optaremos por dialogar com essas categorias no contexto próprio do Concílio Vaticano II e no período subsequente a fim de compreendermos a Eclesiologia de Comunhão de nosso teólogo e suas implicações no espaço eclesial.

Precedido desta introdução, o corpo da dissertação constará de três capítulos. O primeiro tratará da fundamentação e os pressupostos da Eclesiologia de Comunhão de Yves Congar, ou seja, da relação dialético-teológica entre pneumatologia e cristologia. Perscrutada a origem dessa relação no mistério trinitário, mediante uma avaliação e confrontação crítica das tradições latinas e grega, dar-se-á uma atenção especial às missões econômicas do Verbo e do Espírito advindas do Pai, testificadas pelas Escrituras. Daí Congar propunha a base histórica de seu axioma fundamental: *Toda Cristologia é Pneumatologia e vice-versa*. Ratificada essa base teórico-existencial do pensamento de Congar que preconiza a existência de uma dualidade relativa entre as operações e iniciativas salvíficas do Filho e do Espírito na Economia da graça, teremos o chão concreto de nossa pesquisa que é a Eclesiologia de Comunhão, que nasce do coração mesmo da Trindade.

No segundo capítulo, buscaremos a base histórica da Eclesiologia de Comunhão em diálogo profundo com a realidade do Concílio Vaticano II, ressaltando as discussões em torno do tema e as características da Eclesiologia de Comunhão em Yves Congar. O foco desse capítulo deve ser encontrado positivamente na articulação da chave eclesiológica do Concílio, a categoria Povo de Deus, com a categoria que mais fortuna teve no pós-concílio e muito cara a nosso teólogo, a saber, a comunhão. Parte-se do fato de que o Concílio não foi um evento historicamente acabado e perfeito. Sua visão eclesiológica, necessariamente aberta ao processo de recepção, carece de uma síntese mais profunda. As categorias eclesiológicas, tanto trazidas pelo Concílio como refletidas por Congar, são produtos históricos da razão crente e, por isso mesmo, não esgotam a compreensão do mistério da Igreja, mas cada uma delas conota algo de fundamental do ser da Igreja enquanto mistério de comunhão. Além do mais o uso de categorias sempre tem a ver com interesses concretos que transitam na sociedade, conotando não só o dado teológico, mas também a sua relação com

a sociedade e seus ordenamentos históricos como o político, o econômico, o cultural e o religioso.

O terceiro capítulo abordará os sinais e as formas de processamento da Eclesiologia de Comunhão. A Comunhão deve ser um conceito entendido teologicamente à luz dos dados da revelação de Deus. Desde sua raiz trinitária até os eventos eclesiais propriamente, podemos refleti-la de formas variadas e com significações diversas. Suas dimensões – koinonia – sacramental – escatológica – dão-nos a medida precisa de como valorizar e identificar na vida cristã a sua vocação primeira. Suas formas de processamento na realidade eclesial determinam o modo próprio de ser e de realizar-se na história e testifica a Igreja, em sua natureza, origem e estrutura como comunhão.

A pesquisa baseou-se em fontes bibliográficas, buscando fazer uma leitura teológico-pastoral das principais obras de Yves Congar concernente ao tema da Eclesiologia de Comunhão e um diálogo com outros autores afins. Para isso, o principal método foi o que parte da experiência fundamental cristã, assumindo a *Igreja como Povo de Deus*, sujeito da comunhão, nascido da e chamado à comunhão pericorética intratrinitária. E também: o *método reflexivo* e o da *mediação sócio-analítica* (teologia dos sinais dos tempos, relação Igreja – mundo).

Cabe ressaltar que a escolha de Yves Congar e de sua obra como objeto de investigação e análise deve-se, sobretudo, à sua grande notoriedade na Igreja como teólogo e moderador do grande Concílio Ecumênico do século XX: Vaticano II. Somado a isso, sua perspectiva ecumênica de Igreja, seu zelo apostólico pelo papel dos leigos na vida eclesial, face ao clericalismo institucional, e sua capacidade de discernimento à verdade histórica ratificam o desejo e o valor dessa escolha. E, finalmente, a vasta e valiosa contribuição literária congariana, especialmente seus escritos pós-conciliares concernentes à Pneumatologia – que, a propósito, hão de constituir-se na principal fonte de análise e consulta da presente dissertação, dão a certeza da escolha feita.

Não obstante talentoso e perspicaz em suas análises, dotado de um estilo literário preciso e fluente, Congar não se intitula como um grande teólogo

sistemático. Ao escrever, nosso autor tende a ser, muitas vezes, digressivo e repetitivo, dificultando o alinhamento das idéias. Nem sempre se vê clara a organização de seu pensamento, quando não se tem em mente o conjunto de seus escritos teológicos (sobre a sua Eclesiologia de Comunhão, Congar não dedicou uma obra específica sobre esse tema, mas ele abordará o tema em diversos de seus escritos).

Na prática, o que se pretende nessa dissertação é articular a Eclesiologia de Comunhão de Yves Congar numa tentativa de superar de vez a insuficiência histórica da categoria comunhão como definição da natureza da Igreja, contrabalançando o seu uso ideo-político, determinando-lhe o modo próprio de ser e de realizar na história.